

A visão de Deus em *A Cor Púrpura* de Alice Walker e *O Bode Expiatório* de Bernard Malamud

The view of God in Alice Walker's *The Purple Color* and Bernard Malamud's *The Fixer*

La visión de Dios en *El Color Púrpura* de Alice Walker y *The Fixer* de Bernard Malamud

Recebido: 13/08/2020 | Revisado: 24/08/2020 | Aceito: 26/08/2020 | Publicado: 29/08/2020

Hélio Dias Furtado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1126-4533>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: dfurt@gmail.com

Resumo

Os ensinamentos religiosos que fazem parte da herança da humanidade estão constantemente sendo reinterpretados à medida que a realidade e os valores humanos vão mudando. Nesse processo, a literatura também dá a sua contribuição, questionando alguns valores e revelando o seu caráter de imposição e dominação social. Nesse trabalho, nós vamos analisar como isso acontece em dois romances de escritores norte-americanos, *A cor púrpura*, de Alice Walker e *O bode expiatório* (*The Fixer*), de Bernard Malamud. Sendo oriundos de grupos étnicos diferentes, esses escritores questionam a representação tradicional de Deus a partir da realidade de seu grupo social, Walker da perspectiva de uma feminista e ativista negra enquanto que Malamud o faz da perspectiva do judaísmo. O questionamento deles será determinado pelas injustiças que seus grupos sofrem enquanto minorias sociais. Ao final, veremos que, apesar de virem de meio sociais diferentes, na raiz do questionamento dos dois escritores está o ideal de luta pela própria liberdade que é um valor tão forte na cultura norte-americana. Assim, esse se torna o parâmetro e a medida para se questionar noções religiosas seculares nos romances desses autores.

Palavras-chave: Deus; Religião; Walker; Malamud; Grupos Étnicos.

Abstract

Religious teachings that are part of humanity's heritage are constantly being reinterpreted as reality and social values change. In this process, literature also makes its contribution, questioning some values and revealing its character of imposition and social domination. In

this work, we will analyze how this happens in two novels by American writers, Alice Walker's *The Purple Color* and Bernard Malamud's *The Fixer*. Coming from different ethnic groups, these writers question the traditional representation of God from the reality of their social group, Walker from the perspective of a black feminist and activist while Malamud does it from the perspective of Judaism. Their questioning will be determined by the injustices their groups suffer as social minorities. In the end, we will see that, despite coming from different social backgrounds, at the root of the questioning of the two writers is the ideal of fighting for freedom itself, which is such a strong value in American culture and society. Thus, this becomes the parameter and measure for questioning secular religious notions in the novels of these authors.

Keywords: God; Religion; Walker; Malamud; Ethnic Groups.

Resumen

Las enseñanzas religiosas que forman parte del patrimonio de la humanidad se reinterpretan constantemente a medida que cambian la realidad y los valores humanos. En este proceso, la literatura también hace su aporte, cuestionando algunos valores y revelando su carácter de imposición y dominación social. En este trabajo analizaremos cómo sucede esto en dos novelas de escritores estadounidenses, *El color púrpura* de Alice Walker y *The Fixer* de Bernard Malamud. Procedentes de diferentes etnias, estos escritores cuestionan la representación tradicional de Dios desde la realidad de su grupo social, Walker desde la perspectiva de una feminista y activista negra mientras que Malamud lo hace desde la perspectiva del judaísmo. Su cuestionamiento estará determinado por las injusticias que sufren sus grupos como minorías sociales. Al final, veremos que, a pesar de provenir de diferentes orígenes sociales, en la raíz del cuestionamiento de los dos escritores está el ideal de luchar por la libertad misma, que es un valor tan fuerte en la cultura estadounidense. Así, esto se convierte en el parámetro y medida para cuestionar las nociones religiosas seculares en las novelas de estos autores.

Palabras clave: Dios; Religión; Walker; Malamud; Grupos Étnicos.

1. Introdução

A proibição da representação imagética de Deus é um princípio que une as três grandes religiões do mundo: o judaísmo e seus dois rebentos: o cristianismo e o islamismo. Nessas três religiões, essa proibição se baseia na mesma passagem bíblica que vem do

primeiro livro do Antigo Testamento, qual seja, Êxodo 20:2-5 que afirma:

Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás. (Bíblia online)

Apesar dessa origem comum, as interpretações desses versículos bíblicos variam bastante, como é de praxe em se tratando de religião. Como nossa intenção neste trabalho é analisar um romance produzido por uma autora cristã e por um judeu, veremos como esse mandamento é abordado no Judaísmo e no Cristianismo, deixando de lado o Islamismo.

Apesar do ensinamento dado por Deus no Livro do Êxodo, na história bíblica do povo hebreu há pelo menos uma passagem em que eles decidem criar uma imagem e adotá-la como se fosse um deus, incorrendo, dessa forma, na ira e punição divinas. Essa famosa passagem é quando os hebreus, durante o tempo em que viveram no deserto após a fuga do Egito, fundem um bezerro de ouro e o adoram como se fosse um deus (Dt. 9, 7-21). Mas esse desvio foi severamente repreendido e punido, voltando o povo a acatar o mandamento determinado, de acordo com a narrativa bíblica, por Deus através de Moisés. Ainda ficou determinado a crença em um único Deus que, ao longo da história judaica, manifesta-se na oração Shemá Israel, que se inicia com um versículo do livro do Deuteronômio que afirma “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (6:4). Dessa forma, desde o surgimento de sua religião, os judeus têm enfatizado o seu aspecto monoteísta, obviamente mais restritivo do que mesmo o dogma cristão da Santíssima Trindade, de acordo com o qual há três pessoas que formam um único Deus. Além disso, o Judaísmo deixa claro em seus ensinamentos que a natureza de Deus é definida como não-física, não-corpórea e eterna. Sendo não-física e não-corpórea, não há como pensar em uma representação imagética de Deus, mesmo que seja de cunho antropomórfica. Vale também salientar que uma imagem antropomórfica de Deus não teria respaldo visto que o Judaísmo, ao contrário do Cristianismo, não tem uma figura histórica como Jesus Cristo que é tido como Deus-homem.

Por outro lado, é com certeza dentro do Cristianismo onde está a maior polêmica no que concerne a temática da representação imagética de Deus. Desde o surgimento do movimento da Reforma no século XVI, que deu origem as diversas denominações protestantes, os católicos têm sido acusados de idolatria devido ao uso de imagens em suas igrejas. A essa acusação, líderes católicos, como o teólogo Tim Staples, respondem com uma

interpretação mais abrangente da passagem do Livro do Êxodo acima mencionada. Para ele, essa passagem não deve ser interpretada em sentido literal. Ele afirma que na Bíblia, e até mesmo no próprio livro do Êxodo, há várias outras passagens em que imagens são criadas com finalidade religiosa e em conformidade com a vontade de Deus, o que dá margem para uma interpretação mais ampla desse ensinamento. Como exemplo disso, ele menciona a passagem em que, durante a peregrinação dos judeus no deserto, Deus teria determinado a Moisés fundir a imagem de uma serpente e colocá-la em um ponto alto de forma que todos que fossem picados por serpentes fossem curados ao olhar para ela. Além disso, quando da construção do primeiro templo de Jerusalém, Salomão teria sido orientado novamente por Deus a ornamentá-lo com imagens de querubins (Staples, 2014). Passagens bíblicas como essas mencionadas acima, dão margem, na visão dos católicos, para uma interpretação diferente da defendida pelas igrejas protestantes. Se, em diferentes momentos, o próprio Deus ordenou a confecção de imagens até mesmo com poderes miraculosos, a proibição precisa de uma interpretação mais abrangente.

Sem querer entrar no mérito de onde está a verdade nessa questão religiosa, o fato é que os católicos sempre ornamentaram suas igrejas com imagens que representam Jesus Cristo, o Deus-Homem, bem como imagens de santos canonizados pela cúria romana. No que se refere especificamente à imagem de Jesus Cristo, vale observar que, apesar da origem semítica do personagem histórico, a partir do Renascimento foi se fixando no imaginário da população ocidental a sua concepção como um homem com características típicas de europeu caucasiano, ou seja, louro e de olhos azuis. Com a hegemonia política, econômica e militar da Europa, essa representação do filho de Deus tornou-se praticamente universal e inquestionável. Assim, parece que mesmo aqueles que, como os protestantes, se recusam a aceitar imagens em suas igrejas, são influenciados por essa representação caucasiana de Jesus, tão onipotente e tão difundida atualmente pelo cinema de Hollywood. Nesse sentido, merece especial destaque o filme *Jesus of Nazareth*, produção de 1977. O rosto do ator Robert Powell que protagonizou Jesus nesse filme há quase cinquenta anos ainda pode ser encontrado hoje em dia em publicações dirigidas ao público católico.

2. Metodologia

Em seu artigo *Métodos de Pesquisa – Pesquisar não é um problema... é método*, Luana Monteiro enumera como o primeiro aspecto da abordagem qualitativa o “enfoque na interpretação do objeto”. No nosso trabalho, o enfoque essencial é a interpretação do texto

literário, o que faz da nossa abordagem ser eminentemente qualitativa. Nossa concentração, para a análise da representação de Deus, será sobre dois romances da literatura norte-americana do século XX que serão nomeados mais abaixo.

No que se relaciona especificamente ao nosso tema dentro dos estudos literários, precisamos levar em consideração que a literatura tem como uma de suas características a reflexão sobre questões que sempre absorveram a atenção dos seres humanos. Portanto, é natural que a questão da representação imagética de Deus tenha sido também discutida nela. No entanto, essa discussão, ao contrário do que acontece entre as instituições religiosas, não envolve exatamente a representação física de Deus em termos de imagens. Como veremos, essa questão é abordada na literatura a partir de diferentes perspectivas que são influenciadas pelo grupo social ao qual o autor se vincula.

No caso específico da literatura norte-americana, tradicionalmente caracterizada pelos diversos grupos sociais que compõem o mosaico da sociedade norte-americana, cada autor reflete o ponto de vista que predomina no grupo social e étnico ao qual ele pertence. O nosso objetivo aqui é ver como dois escritores estadunidenses, nominalmente Alice Walker e Bernard Malamud, pertencentes a dois grupos étnicos diferentes, abordam essa questão em um romance de sua autoria. Em nossa análise, nós nos concentraremos nesse aspecto meramente étnico desses dois autores, desconsiderando outras possíveis diferenças que possam ser apontadas entre eles. Sem dúvida, a inclusão de outros aspectos tornaria a análise bem mais abrangente. No entanto, isso fugiria ao foco que estamos delimitando para este trabalho.

Em nossa análise, além da discussão sobre a questão das imagens nas tradições judaica e cristã como vimos acima, vamos também nos orientar por uma afirmação do escritor inglês W. Somerset Maugham que, embora um pouco carregada pelo seu característico sarcasmo, não deixa de ter um fundo de verdade. Diz Maugham: “Eu não sei por que é que os religiosos nunca atribuem a Deus o bom senso” (Maugham, 1967, p.292). (*minha tradução*). Lendo *A Cor Púrpura* e *O Bode Expiatório* (*The Fixer*, no original), podemos ver que seus respectivos autores, Alice Walker, ativista feminista negra e Bernard Malamud, um escritor com ascendência judaica, tentam dar um pouco de bom senso a visão tradicional de Deus ao abordarem esse tema em seus romances. No entanto, essa abordagem é feita somente a partir das perspectivas do grupo social ao qual eles pertencem. Além disso, essa tentativa de atribuir a Deus um bom senso consiste basicamente em atacar algumas características dessa figura patriarcal e ortodoxa como ela é apresentada na mitologia judaico-cristã. Nós vamos observar que as características ou atributos desse ser divino que esses dois escritores negam são

aqueles que direta ou indiretamente confirmam os preconceitos sociais contra as duas minorias a qual eles pertencem.

3. Resultados e Discussão

3.1. Em busca de um Deus que nem seja branco nem homem

A Cor Púrpura é um romance epistolar formado por cartas escritas por duas irmãs negras Celie e Nettie. Embora ambas tenham nascido no sul dos Estados Unidos, região marcada pelo forte racismo contra a população negra, Celie ainda mora lá enquanto que sua irmã é missionária cristã na África. Em várias dessas cartas, podemos detectar a visão que Alice Walker apresenta da religião e de Deus, no entanto, é apenas em uma dessas cartas que ela trata mais diretamente desse tema. É na carta em que Celie descreve seu diálogo com sua amiga Shug sobre Deus. A partir desse diálogo que envolve a personagem central de seu romance, podemos supor que Alice Walker esteja expressando sua crítica à visão tradicional de Deus. Essa crítica parte de sua condição de feminista e ativista negra.

Como feminista, Walker questiona o gênero de Deus. Ou, para ser menos agressivo, podemos dizer que ela questiona a visão tradicional de Deus representada como sendo, necessariamente, um ancião de barbas brancas e longas. Nas palavras da personagem Celie: “Ele é grande e velho e alto e tem uma barba cinza e branca. Ele usa roupa branca e anda descalço.” (Walker, 2009, p.228,). Essa descrição de Celie nos remete ao que seria talvez a mais conhecida representação do Deus Pai na tradição cristã, qual seja o afresco *A Criação de Adão*, do renascentista Michelangelo, que está no teto da Capela Sistina do Vaticano. Em seu processo de despertar, Celie rebela-se contra esse Deus que ela herdou da mitologia cristã. Ela diz a Shug: “De todo jeito, eu falei, o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho igualzinho aos outro homem que eu conheço. Trapaceiro, esquecido e ordinário” (Walker, 2009, p.227). Como podemos ver, a revolta religiosa que Celie está experimentando não é uma mera questão de descrença religiosa. Ela rejeita a Deus porque a imagem dele que ela tem é muito relacionada com o sistema no qual ela tem vivido sobre opressão. De certa forma, esse Deus da tradição cristã confirma o sistema de dominação masculina que tanto a tem humilhado e feito sofrer. Ao negar esta imagem masculina de Deus através de Celie, Alice Walker, em parte, reflete o pensamento da feminista e teóloga norte-americana Mary Daly. Em seu livro *Beyond God the Father*, Daly diz:

O símbolo do Deus Pai, gerado na imaginação humana e sustentado como plausível pelo patriarcado tem, por sua vez, prestado serviço a este tipo de sociedade, fazendo os seus mecanismos de opressão da mulher parecerem corretos e adequados. Se Deus, no céu "dele" é um pai governando o povo "dele", então é da "natureza" das coisas e de acordo com o plano divino e a ordem do universo que a sociedade seja dominada pelos homens. (Daly, 1985, p. 13) ¹ (*essa e todas as demais traduções que aparecem neste texto são de nossa autoria*)

Apesar de Alice Walker parecer rejeitar completamente o conceito de Deus como um ser do sexo masculino, ela não propõe que ele seja transformado em mulher. Pelo contrário, Deus é referido como um IT (no original em inglês), sendo que na versão em português optou-se por "coisa". Nesse sentido, Shug afirma que "Deus num é homem nem mulher, mas uma coisa". (Walker, 2009, p.230,). A sequência do diálogo entre Celie e Shug sugere que com essa escolha Walker favorece um conceito panteísta de Deus. Assim, na sequência do diálogo, Shug afirma:

(. . .) Meu primeiro passo pra longe do velho homem branco foi as árvores. Depois o ar. Depois os pássaro. Depois as outra pessoa. Mais um dia quando eu tava sentada bem quieta e me sentindo uma criança sem mãe, o que eu era mesmo, eu senti: aquele sentimento de ser parte de tudo, de num ser separada de nada. Eu vi que se eu cortasse uma árvore meu braço ia sangrar. (Walker, 2009, p.230)

O aspecto positivo, do ponto de vista feminista, dessa visão panteísta, é que reforça a desconstrução da imagem de Deus como necessariamente masculina. As implicações e todo o significado dessa neutralização de gênero de Deus para o movimento feminista podemos encontrar em *After the Death of God the Father*, o primeiro capítulo do livro da teóloga feminista Mary Daly *Beyond God the Father*. Nesse capítulo, a autora desenvolve a argumentação de que muitas feministas são contra a "feminização" de Deus, porque isso poderia trazer a ideia de que a liberação das mulheres significaria apenas que novos personagens assumiriam antigas regras. Elas querem evitar a ideia de que há uma tentativa de

¹ The symbol of the Father God, spawned in the human imagination and sustained as plausible by patriarchy, has in turn rendered service to this type of society by making its mechanisms of the oppression of women appear right and fitting. If God in "his" heaven is a father ruling "his" people, then it is in the "nature" of things and according to divine plan and the order of the universe that society be male-dominated.

usar as armas do opressor contra ele mesmo. Assim, o objetivo final seria a formação de uma sociedade não-sexista e diárquica. Um novo sistema que não vai ser dominado nem pelos homens nem pelas mulheres. Isto é o que Daly expressa quando ela fala sobre a relação entre o movimento feminista e as religiões:

A medida que o movimento feminista começa a ter seu efeito sobre a estrutura da sociedade, transformando-a do patriarcado em algo que nunca existiu antes - em uma situação diárquica que é radicalmente nova - isso pode tornar-se o maior desafio para as principais religiões do mundo, no Ocidente e no Oriente. (Daly, 1985, pp.13-14) ²

Considerar Deus como uma “coisa”, usando o termo da personagem de Walker, ou apenas como um Ser, também é uma sutil tentativa de fazer andrógina a imagem do líder, pois aceitar Deus como sendo um homem significa, para as feministas, confirmar a dominação masculina. Além disso, também significa aceitar que a pessoa em posição de autoridade tem que ter algumas características que são tipicamente masculina. Daly diz sobre isso:

A imagem da pessoa de autoridade e o entendimento de que o papel “dele” corresponde ao eterno estereótipo masculino, o que implica hiper-racionalidade (na realidade, frequentemente redutível a pseudo-racionalidade), “objetividade”, agressividade, a posse de atitudes dominadoras e manipuladoras para com as pessoas ao redor e o ambiente, e a tendência para a construção de limites entre o eu (e aqueles identificados com esse eu) e os “outros”. (Daly, 1985, p.15) ³

Ao destruir este estereótipo do líder, as feministas tencionam promover “uma mudança radical na estrutura da consciência humana e nos estilos de comportamento humano”. (Daly, 1985, p.15)

Uma última razão para a se nomear Deus como um Ser (It, em inglês) e não Ela é que,

² As the women’s movement begins to have its effect upon the fabric of society, transforming it from patriarchy into something that never existed before – into a diarchal situation that is radically new – it can become the greatest single challenge to the major religions of the world, Western and Eastern.

³ The image of the person in authority and the accepted understanding of “his” role has corresponded to the eternal masculine stereotype, which implies hyper-rationality (in reality, frequently reducible to pseudo-rationality), “objectivity”, aggressivity, the possession of dominating and manipulative attitudes toward persons and the environment, and the tendency to construct boundaries between the self (and those identified with the self) and “the Other”.

assim, dá-se uma dimensão mais ampla ao movimento feminista. Se as feministas insistissem em fazer de Deus uma mulher, isso significaria que elas estariam tentando impor seus valores sobre os outros grupos. No entanto, Deus como um Ser (It) é apenas um passo para a destruição dos antigos valores patriarcais e ao estabelecimento de novos valores que permitirão um desenvolvimento completo de todos os seres humanos.

No entanto - em parte porque há um contraste essencial entre feminismo e os símbolos e valores destrutivos da religião patriarcal, e em parte porque a vida das mulheres está intrinsecamente ligada à dos homens - biologicamente, emocionalmente, socialmente e profissionalmente - é bastante claro que a liberação das mulheres está essencialmente relacionada com a liberação humana integral. (Daly, 1985, p.25) ⁴

Embora possamos supor que quando ela está lidando com o conceito de Deus enquanto feminista, Walker certamente tem em mente o cuidado de não agredir frontalmente um conceito milenar, o mesmo não acontece na sua abordagem a este tema enquanto ativista negra. Walker parece recusar completamente a imagem de Deus como um Ser fisicamente branco e de olhos azuis. Isso pode ser deduzido quando, em seu diálogo com Shug, Celie diz: “A Nettie falou que algum lugar na Bíblia fala que o cabelo de Jesus era que nem a lã do cordeiro” (Walker, 2009, p.229). O que fica subentendido nessa fala é, como apontamos acima, a rejeição da imagem tradicional de Jesus com um homem com características físicas de um europeu caucasiano. Se Jesus nasceu na região do Oriente Médio, certamente ele pertencia à raça semita o que faz com que, fisicamente, as prováveis características dele fossem “olhos escuros, cabelos cacheados, barba espessa e pele bronzeada, traços considerados típicos de judeus do Oriente Médio na região da Galileia, norte de Israel,” segundo matéria publicada no Último Segundo – IG. Nesta matéria, o pesquisador Richard Neave, da Universidade de Manchester, na Inglaterra, afirma que “detectamos que a aparência que Jesus Cristo provavelmente se distancia muito das representações da estética Renascentista. Ele seria mais musculoso do que o retratado, e mais baixo, com altura de 1,50 metro.” (Último Segundo-iG)

Apesar desta posição, há uma consciência por parte de Alice Walker que a mudança

⁴ Yet – partially because there is such an essential contrast between feminism and patriarchal religion’s destructive symbols and values, and partially because women’s lives are intricately bound up with those of men – biologically, emotionally, socially, and professionally – it is quite clear that women’s liberation is essentially linked with full human liberation.

da aparência física de Deus na mente das pessoas não é uma tarefa fácil. Como afirma Douglas A. Hughes em seu livro *The Way It Is*: "Mesmo que eles tenham mais conhecimento, muitos cristãos acham difícil acabar com a ideia de Deus como a figura paterna de um ancião de barbas brancas⁵" (Hughes, 1970, p.391). Mas, o fato é que mesmo as pessoas negras relutam em aceitar essa mudança. Como Shug diz: "A última coisa que os negros querem pensar do deus deles é que ele tem cabelo pinxaim" (Walker, 2009, p.229). E Celie reforça esta afirmação quando diz: "Bom, a gente conversou e conversou assim sobre Deus, mas eu ainda tô sem saber. Tô tentando botar aquele velho homem branco pra fora da minha cabeça" (Walker, 2009, p.232). Embora seja difícil, Alice Walker sabe que esta mudança de mentalidade é extremamente importante para a população negra. Torna-se fundamental para fazê-los valorizar as suas próprias características em face da cultura dominante dos brancos.

3.2. Em busca de um Deus mais presente

Se, enquanto feminista e ativista negra, os traços físicos de Deus são questionados no romance de Alice Walker, o mesmo certamente não acontecerá quando o romance é escrito por um autor branco, mas de ascendência judaica, como é o caso de *O bode Expiatório*, de Bernard Malamud. Esse romance, inspirado em uma história verdadeira acontecida na Rússia no começo do século XX, centra-se na história de um judeu russo, Yakov Bok, que deixa de lado seus antigos conceitos sobre religião e Deus e sai pelo mundo à procura de um novo sentido para a sua própria vida. Na cidade de Kiev, Yakov é acusado do assassinato de um menino cristão e é colocado na prisão. Através dos sofrimentos físicos que lhe são impostos e de seu envolvimento político, o protagonista desenvolve uma nova visão do mundo diferente da que lhe foi ensinada na sua cultura e religião e também uma visão diferente do seu papel e do de seu povo nesse mundo.

É fundamentalmente levando em conta a história milenar da maioria do povo judeu, que envolve perseguições e pobreza extremas durante muitos séculos, principalmente na Europa, que Malamud critica a visão tradicional de Deus em sua religião. De seu ponto de vista, essa visão é, em grande medida, responsável pela maneira como os judeus reagem em face da realidade adversa que eles enfrentaram ao longo da história.

Através da história de Yakov, Malamud critica basicamente duas características do

⁵ Even though they know better, plenty of Christians find it hard to do away with ideas of God as a white-bearded father figure.

conceito judaico de Deus. A primeira delas refere-se à natureza moral de Deus conforme é definida no Deuteronômio. Segundo este livro, Deus afirma que “Minha é a vingança e a recompensa” (Deuteronômio 32:35). Essa afirmação leva a ideia da justiça poética segundo a qual Deus recompensa o seu povo por sua obediência e o pune por sua desobediência. Sobre a permanência dessa noção através dos tempos a *Nova Encyclopaedia Britannica* diz: "A passagem do tempo fez a linguagem original insatisfatória (promessa de chuva, colheitas, gado gordo), mas o princípio básico continua, afirmando que, embora seja difícil de se perceber, há uma lei e um juiz divinos"⁶. Em outras palavras, este princípio diz que, se alguém quer viver em paz, com felicidade e abundância, tudo o que ele tem a fazer é obedecer aos mandamentos de Deus, pois Ele se encarrega da vingança, quando necessária, e da recompensa quando merecida pelo seu povo.

A história de vida de seu personagem Yakov sugere que Malamud está tentando provar a invalidade deste princípio. É principalmente através do diálogo entre Yakov e seu sogro Shmuel que Malamud expressa sua visão em relação à noção de justiça poética e outros valores tradicionais da religião judaica. Nesse diálogo, podemos observar que enquanto Yakov representa uma nova mentalidade que tenta se impor, seu sogro é o porta-voz da tradição. Na conversa dos dois, Yakov diz que, embora ele tenha sido sempre devoto, toda sua vida tem sido uma sequência de infortúnios. Esses começaram com a morte de sua mãe, dez minutos após o seu nascimento e com o fato de que ele nunca conheceu seu pai. O seu último infortúnio foi a fuga de sua mulher com um cristão. Então, ele percebe que não faz sentido manter sua crença antiga. E quando Shmuel pede que ele não se esqueça de Deus, Yakov responde: "Quem se esqueceu de quem? (...) O que eu ganho dele senão uma pancada na cabeça e uma mijada na cara. Então, o que há para se adorar nisso?"⁷ (Malamud, 1968, p.20).

Não é só a sua experiência pessoal que leva Yakov a essa conclusão, mas também a de todo o seu povo. Na sua visão, ao longo de sua história, o povo judeu sempre foi fiel e devoto ao seu Deus. Apesar disso, eles sempre foram perseguidos e injustiçados, especialmente com o começo da Diáspora e, posteriormente, com o advento do Cristianismo. De acordo com Yakov, “desde a crucificação, a morte de Jesus é o crime de todos os judeus”⁸ (Malamud,

⁶ The passage of time has made the original language unsatisfactory (promising rain, crops, and fat cattle), but the basic principle remains, affirming that, however difficult it is to recognize the fact, there is a divine law and judge.

⁷ Who forgets who? (. . .) What do I get from him but a bang on the head and a stream of piss in my face. So what's there to be worshipful about?

⁸ Since the crucifixion the crime of Christ-killer is the crime of all Jews.

1968, p.222). Essa condição de “assassinos de Jesus” tornou-se um fardo sobre o povo judeu durante séculos. Levando em consideração a situação específica dos judeus na Rússia do começo do século XX, que é de fato a sua própria realidade, Yakov responde a Shmuel, quando este diz que Deus está com eles no shtetl: "Ele está com a gente até os Cassocks virem a galope, aí então ele vai para outro lugar . Ele está na casinha, é lá onde Ele está"⁹ (Malamud, 1968, p.16). O cerne da revolta de Yakov é que se Deus realmente ajudasse aqueles que lhe são fiéis, Ele protegeria os judeus contra os soldados do czar que os perseguem ou ainda contra qualquer outra adversidade.

É fato que as pessoas religiosas costumam justificar esta falta de uma intervenção divina imediata dizendo que a justiça de Deus é para o fim dos tempos. Esta mentalidade também predomina entre os judeus e Malamud, tendo ciência disto, explora esse tópico na conversa entre sogro e genro. Quando Shmuel visita Yakov na prisão, é esse o argumento que ele usa com Yakov para prendê-lo à tradição de seu povo. No entanto, seu genro lhe responde: "Eu já não sou mais tão jovem, não posso esperar tanto tempo. Nem os judeus fugindo das perseguições. Estamos lidando com a matança em grandes números e está ficando pior. Deus conta na astronomia, mas no que se refere aos homens tudo o que sei é um mais um"¹⁰ (Malamud, 1968, p.211). Em outras palavras, Yakov não aceita o ensinamento de que Deus atua ao longo da história, sendo que a vida de um indivíduo não chega a durar, em sua maioria, nem um século.

Ainda dentro dessa sua preocupação quanto ao tempo e à realidade, Yakov ainda afirma: "Hoje eu quero o meu pedaço de pão, não no paraíso"¹¹ (Malamud, 1968, p.20). Obviamente ao por essas palavras na boca de seu protagonista, Malamud está recusando a ideia de que o ser humano deve aceitar passivamente o sofrimento nesta vida, amparado na esperança de que ele será recompensado por Deus no fim dos tempos ou depois de sua morte.

Outro aspecto da crença judaica que Malamud critica através de Yakov diz respeito à crença na presença e manifestação de Deus na história. Descrevendo essa crença *The New Encyclopaedia Britannica* diz: "Para os judeus, era principalmente dentro da história que a presença divina podia ser encontrada. A presença de Deus também pode ser experimentada no

⁹ He's with us still the Cassocks come galloping, then he's elsewhere. He's in the outhouse, that's where he is.

¹⁰ I'm not so young any more, I can't wait that long. Neither can the Jews running from pogroms. We're dealing with the slaughter of large numbers and it's getting worse. God counts in astronomy but where men are concerned all I know is one plus one.

¹¹ Today I want my piece of bread, not in Paradise.

reino natural, mas a principal e mais próxima revelação ocorria nas ações humanas."¹² A influência negativa dessa crença sobre os judeus é que eles são levados a aceitar tudo o que lhes acontece como sendo manifestações da vontade divina. Portanto, é com uma total passividade que os judeus aceitam qualquer mal que lhes acontece. Diante dessa consequência prática é que o narrador de Malamud assume uma postura de crítica em relação a ela. Seguindo o raciocínio de Yakov, podemos ver que ele entende que a maneira passiva como os judeus têm enfrentado seu histórico de perseguição está diretamente relacionado com esse tipo de crença. Certamente esta é a razão para a insistência de Malamud sobre este tema ao longo de seu romance.

O zelo e a convicção com que ao longo da história os judeus observaram este princípio religioso têm surpreendido muitos historiadores. Falando sobre as perseguições contra os judeus na Rússia do século XIX, Milton Meltzer diz em seu livro *World of Our Fathers*: "E quanto à resposta que o shtetl dava para os pogroms? Como incêndios e inundações, diz *Life Is with People*, os pogroms são tratados como "atos de Deus", catástrofes que vêm de fora"¹³ (Milton, 1974, p.206.). E ele ainda cita outro trecho do livro de Mark Zborowski que diz:

Normalmente não há organização de defesa. Se uma resistência organizada é tentada pelo prosteh ou por jovens que rejeitam as atitudes tradicionais, isso é criticado pelos ortodoxos como "ante-judaico". Pode-se implorar a Deus por ajuda e misericórdia. Talvez até enviar uma delegação para o líder do grupo atacante. Mas lutar é a exceção e, não, a regra.

Esta passividade não pode ser atribuída simplesmente ao medo da morte. Há casos também de judeus que aceitaram a morte que poderia ser evitada simplesmente para não violar o Sabath ... (Zborowski, apud Milton, 1974)¹⁴

¹² For the Jews, it was primarily within history that the divine presence was encountered. God's presence was also experienced within the natural realm, but the more or intimate disclosure occurred in human actions.

¹³ What about the response in the shtetl to pogroms? Like fires and floods, says *Life is with People*, pogroms are treated as "Acts of God," catastrophes that come from outside.

¹⁴ There is usually no defense organization. If organized resistance is attempted by the prosteh or by young people who have broken away from traditional attitudes, it is criticized by the very orthodox as "un-Jewish". One pleads with God for help and mercy. Perhaps one sends a delegation to the leader of the attacking group. But to fight back is the exception rather than the rule.

This passivity cannot be attributed simply to fear of death. There are too many instances of Jews who have accepted avoidable death rather than violate the Sabbath. . .

É essa mentalidade dos judeus que Malamud não aceita. Ele quer que eles percebam que eles têm o direito de ser judeus, mas também a obrigação de lutar por esse direito. Isto é o que ele expressa através de reflexão final Yakov sobre seu povo: "Afinal, ele conhece seu povo e ele acredita no seu direito de serem judeus e viver no mundo como os homens. Ele é contra aqueles que são contra eles. Ele irá protegê-los na medida em que ele pode. Esta é a sua aliança com ele mesmo. Se Deus não é um homem, ele tem que ser"¹⁵ (Malamud, 1968, p.223). Então, a mensagem final de Malamud é que os judeus devem abandonar sua passividade que supostamente está de acordo com a vontade divina e começar a lutar por seus direitos e por melhores condições de vida.

Quando, em sua ficção, Malamud expressa sua visão crítica sobre temas relacionados a sua própria religião, ele o faz do ponto de vista de um escritor norte-americano. Embora esse seja um aspecto no qual não iremos nos aprofundar aqui, é preciso levar em consideração que, embora sendo judeu, Malamud nasceu nos Estados Unidos e, ao contrário dos seus irmãos de fé na Europa, ele foi educado dentro da cultura e da visão de mundo do povo norte-americano. Assim, ao criticar, através de seus personagens ficcionais, o comportamento passivo dos judeus, principalmente daqueles nascido na Europa, frente às perseguições sofridas ao longo da história, ele é inevitavelmente influenciado pela sua condição de cidadão dos Estados Unidos do século XX. Além disso, devemos lembrar que o conceito de *self-made man* é muito forte na cultura estadunidense e, segundo esse conceito, cada indivíduo tem a obrigação de lutar para melhorar sua própria realidade e a de sua comunidade. Ele tem que lutar contra as adversidades que a vida lhe impõe para poder realizar o seu Sonho Americano. Embora esse seja um tema que mereceria um estudo mais detalhado, no entanto, como mencionamos acima, não é nosso objetivo aqui aprofundar a discussão sobre a extensão da influência da cultura norte-americana na interpretação que Malamud dá à história de seu povo.

4. Considerações Finais

Este estudo de *A Cor Púrpura* de Alice Walker e *O Bode Expiatório* de Bernard Malamud mostra-nos que alguns escritores tentam - retomando as palavras de W. Somerset Maugham - "atribuir bom senso a Deus". Mas, como pudemos ver, as incoerências do Deus

¹⁵ After all, he knows the people; and he believes in their right to be Jews and live in the world like men. He is against those who are against them. He will protect them to the extent that he can. This is his covenant with himself. If God's not a man he has to be.

ortodoxo da tradição judaico-cristã, conforme são apresentadas por esses autores, variam de acordo com os valores e interesses do grupo que eles representam. Como ativista feminista e negra, Alice Walker cria uma personagem que, sendo mulher e negra, questiona a pressuposição de que Deus Pai tenha que ser necessariamente representando como um ancião branco, de barbas longas e grisalhas enquanto que Jesus Cristo tenha características físicas de um europeu caucasiano. Por sua vez, Malamud não se preocupa com quais sejam as características físicas de Deus. Como escritor com ascendência judaica, ele cria o personagem Yakov que, em vez dos traços físicos, questiona a verdadeira natureza moral de Deus e suas manifestações ao seu povo. Ou seja, dentro de seus universos ficcionais, cada autor vai criar personagens que se incomodam com a representação de “Deus” que tende a perpetuar a condição de subjugação de seu povo. Por fim, podemos concluir dizendo que é uma tarefa muito difícil, se não impossível, encontrar uma definição para o conceito de Deus que poderia ser aceitável ao mesmo tempo para diferentes minorias. De uma maneira ou de outra, esse Deus seria sempre acusado, retomando as palavras de Maugham, de uma falta de bom senso.

Esta pesquisa poderia ser bastante ampliada se outros autores, representantes de outros grupos étnicos que formam a sociedade norte-americana, fossem também estudados. De imediato, nos vem a cabeça a grande presença e influência naquela sociedade dos chamados *chicanos*, imigrantes que têm ascendência latino-americana cujo background é geralmente católico apostólico romano. Da mesma forma, seria altamente interessante incluir os descendentes de povos vindos do Oriente Médio onde predomina o islamismo. O estudo da representação de Deus para todos esses grupos e um posterior contraste com os valores mais tradicionais da cultura americana, notadamente, a cultura do *self-made man* e do *American Dream* seria uma continuidade dessa pesquisa que a tornaria bem mais abrangente e representativa.

Referências

Bíblia Online. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/20>.

“Cientistas revelam novas características físicas de Jesus Cristo - Ciência – iG”. Fonte: Último Segundo - iG @ <https://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/2018-03-29/aparencia-jesus-cristo.html>.

Daly, Mary. (1985). *Beyond God the Father*. Boston: Beacon Press.

Hughes, Douglas A. (1970). (ed.) *The Way It is*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc.

Jesus of Nazareth. (1977). Direção: Franco Zeffirelli. Produção: Bernard J. Kingham. ITC Films.

Malamud, Bernard. *The Fixer*. (1968). New York: Dell Publishing Co., Inc.

Maugham, W. Somerset. *A Writer's Notebook*. London: Penguin Books, 1967.

Monteiro, Luana. *Métodos de Pesquisa – Pesquisar não é um problema... é método*.
Disponível em:
http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/Metodos_de_pesquisa.pdf.

Meltzer, Milton. (1974). *World of our father: the jews of eastern europeu*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

The New Encyclopaedia Britannica. (1986). New York: Encyclopaedia Britannica, Inc.

Staples, Tim. “So Catholics Worship Statues?” Disponível em:
<https://www.catholic.com/magazine/online-edition/so-catholics-worship-statues>.

Walker, Alice. *A Cor Púrpura*. (2009). Rio de Janeiro: José Olympio.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Hélio Dias Furtado – 100%